

O espírito da prosa – uma autobiografia literária, Cristovão Tezza

POSTED BY IVANMELZ IN RESENHA - BIOGRAFIA

≈ LEAVE A COMMENT

Tags

Biografia Cristovão
Tezza, Biografia
escritores brasileiros,
Resenha O espírito da
prosa - uma
autobiografia literária



— Capa: Divulgação

O espírito da prosa (uma autobiografia literária) – Cristovão Tezza

Trecho:

"Teremos assim: o escritor é, antes de tudo, um inadequado, alguém flagrado por ele mesmo em erro, que tentará recuperar, pelo trabalho beneditino da escrita, a sua alma, (...), a sua alma usurpada.

(...) De qualquer forma, o sentimento de inadequação parece ser o primeiro motor de quem escreve a sério. O que nos leva a um paradoxo interessante, que é em si uma inadequação metafísica: a felicidade não produz literatura. (...) A ideia de felicidade supõe alguma adequação, algum equilíbrio entre o ser e o seu meio." (pgs. 83-84)

Graças ao grande sucesso de *O filho eterno*, publicado em 2007, e que arrebatou todos os mais importantes prêmios literários do ano seguinte no Brasil – o Jabuti, o São Paulo e o Portugal Telecom –, Cristovão Tezza é um dos poucos autores nacionais que podem se dar ao luxo de viver exclusivamente da literatura. Mas o caminho para o sucesso, alcançando aquilo que seria o sonho de qualquer escritor, veterano, novato ou aspirante, não foi fácil e isso é o que mostra o livro *O espírito da prosa – uma autobiografia literária*, lançado em 2012.

Com uma prosa despojada e despretensiosa, características, aliás, que também marcam a ficção desse catarinense de Lages, mas radicado em Curitiba há mais de quarenta anos, o leitor tem a impressão não de ser um *leitor*, mas um ouvinte, ou melhor, um amigo que num encontro mais íntimo tem o privilégio de ouvir as lembranças, confissões e angústias do autor, hoje, consagrado.

Dos aspectos familiares – a perda do pai aos 7 anos, a mudança para Curitiba pouco depois –, da mais remota lembrança do desejo em se tornar escritor – aos 10, 11 anos, quando passou a escrever e confeccionar pequenos livros artesanais para vendê-los aos colegas –, dos sete anos vividos na comunidade teatral do seu “guru” – como ele próprio irá afirmar ao longo do livro –, o escritor e dramaturgo W. R. R. Apa, até a tardia entrada na universidade, com quase 30 anos, Tezza vai envolvendo o leitor em suas memórias e revelando tudo que considera importante para a sua formação como escritor, de meados dos anos 60 até meados dos anos 80, quando lança aquele que considera o seu primeiro livro, *Trapo*.

Confesso que o título do livro, inicialmente, me levou a acreditar que haveria mais referências a autores que fizeram a cabeça do jovem Cristovão. Eles aparecem, é claro, Drummond, Graciliano Ramos, Dostoiévski, entre outros, mas numa quantidade tão pequena que percebemos que o mais importante para o autor, durante boa parte de sua adolescência e juventude, foi estar inserido na comunidade Rio Apa de teatro, em Antonina, litoral paranaense, e lá dar seus primeiros passos na arte, como ator e autor secundário.

Os anos de aprendizado e vivência comunitária também aumentaram sua rejeição à vida acadêmica, um tradicional reduto de escritores. Boa parte dessa rejeição se deveu à influência do antiintelectualismo do seu guru Rio Apa. Ironia das ironias é que foi justamente na universidade que o autor conseguiu certa tranquilidade para se dedicar aos seus escritos, ao passar mais de vinte anos como professor universitário, embora não esconda sua verdadeira opinião sobre o meio acadêmico, especialmente da universidade pública – o que o faz, a certa altura, se questionar se isso não seria um pouco ingrato de sua parte.

E mais: foi na faculdade que Tezza conheceu a obra do linguista russo Mikhail Bakhtin, a quem, logo no início de *O espírito da prosa*, declara ser seu único mestre na literatura. Apesar de essenciais para o autor, as passagens que falam sobre Bakhtin são as menos interessantes do livro chegando a ser até enfadonhas para quem não tem a mesma relação afetiva com os textos do teórico russo.

No entanto, a maior parte do livro é constituída de momentos muito bons: as passagens em que o jovem candidato a escritor buscava algum sentido para tanta angústia e algum motivo para alcançar seu objetivo, como quando começa uma série satírica, a Sopa de legumes, sobre a vida na comunidade Rio Apa, estão entre eles.

Embora Tezza, na época, perceba naquele trabalho “uma catarse às avessas”, e afirme que não o levava a sério, pelo “simples fato de que escrevia o texto diretamente à máquina” – já que até 2005 costumava escrever à mão- foi a partir dele, reescrevendo e retrabalhando estilisticamente o material, que se originou o livro *Ensaio da paixão*, que o autor considera seu primeiro trabalho de valor literário.

Ao final do livro, temos a impressão que o espírito da prosa de que nos fala Cristovão Tezza, este ser etéreo e inalcançável, talvez não exista de fato e isto, infelizmente, é uma possibilidade real sobretudo para os que pretendem tornar-se escritores de ficção. E, caso exista, tampouco pode trazer, àquele que o busca, a paz e a felicidade desejadas. Talvez ele seja apenas um Graal a ser alcançado por todo escritor ou candidato a escritor que, diante de tantas dificuldades pelo caminho, só encontre uma solução: seguir procurando, pelo simples fato de não haver outra coisa a fazer para quem acredita e que a própria busca em si possa suprir o desejo do encontro por tanto tempo adiado.

Trechos:

Sobre a Comunidade W. Rio Apa:

"E havia também, o que é sintomático, uma completa ausência de referências à vida política brasileira, como se vivêssemos realmente numa campânula de vidro. O que era fato: vivíamos mesmo numa redoma política, social, artística e intelectual, à margem do mundo, sem diálogo nem troca, uma breve e arrogante aldeia de Astérix perdida em Antonina. Apesar de tudo, é preciso dizer: talvez seja apenas uma iludida criação da memória de quem chega aos 60 anos (e de que outro modo eu poderia saber e dizer, se não pela memória reconstruída?) mas lembro de momentos intensamente felizes daquele tempo, uma sensação de densa e promissora luminosidade, como jamais seguir a sentir novamente em nenhuma outra época da minha vida. O clássico chavão da "infância feliz" encontraria, naquela tardia e demorada passagem para a vida adulta, a peça que se encaixa perfeitamente no quebra-cabeça dos meus anos de formação". (pgs. 135-136)

"(...) A Sopa de Legumes era uma sátira mais ou menos demolidora de todo mundo, a começar pelo nosso guru, passando por todos os atores e terminando por ridicularizar a mim mesmo, definido repetidamente pela voz do mestre e daí pelo narrador, sempre, como "o Cristovão, o outro autor do grupo". (p. 127)

"O humor era rasteiro, às vezes pesado, mesclado aqui e ali com passagens apenas ingênuas, entregue frequentemente a soluções fáceis e trocadilhos bobos, e se debruçava com alguma atenção nos monólogos, nos atores em solidão pensando em como poderiam se sair melhor, aparecer mais, receber mais atenção do guru ou esconder fracassos. Do ponto de vista moral, o narrador não fazia nenhuma concessão e ali rigorosamente nada e ninguém era 'positivo'.

Pensando à distância, percebo que naquele exercício eu acabava fazendo uma catarse às avessas, ainda que isso não me fosse claro – o texto era sentido por mim, quase que ingenuamente, como uma simples brincadeira; mas revendo algumas vezes a Sopa de Legumes, com intervalo de alguns anos fui percebendo cada vez mais nas releituras, pela força crescente do distanciamento, que não havia nada de ingênuo ou simples no texto. Valor literário à parte – que era nenhum, restava uma espécie de caráter inconsciente do narrador que transparecia por insuspeitados subentendidos. Como num palimpsesto fantasma, as frases parecem agora revelar atrás daquela risada solta um pequeno e insidioso candidato a Dorian Gray. Escritores não são boas pessoas, era o que eu passei a concluir com relação a mim mesmo." (pgs. 128 – 129)

O espírito da prosa – uma autobiografia literária

Cristovão Tezza

Editora Record

221 pgs